

Sabina Spielrein: Seu lugar na história da psicanálise e sua representação no cinema

Marcus Vinicius Neto Silva¹

Marina Maciel de Almeida²

Resumo

Em 1977, é encontrada uma maleta em Genebra contendo a correspondência trocada entre a psicanalista russa Sabina Spielrein e diversos interlocutores, entre eles Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Com isto veio à tona uma parte da história da psicanálise até então esquecida. A partir daí o interesse por Spielrein aumentou. Diversos estudos sobre sua participação no movimento psicanalítico foram publicados, com destaque para sua relação com C. G. Jung. O aspecto escandaloso desta história atraiu a atenção da indústria cinematográfica. Em 2011, David Cronenberg assume a direção do filme *Um método perigoso*. Neste trabalho discutiremos o tratamento dado à autora tanto pelos historiadores da psicanálise quanto pelo cineasta canadense. O fato de ela ter sido apresentada ora como louca, ora como apenas amante de Jung, coloca sua extensa produção teórica em segundo plano. Questionamos as motivações desse tipo de tratamento dado à autora.

Palavras-chave: Sabina Spielrein; psicanálise; Sigmund Freud; Carl Jung.

Sabina Spielrein: her place in the history of psychoanalysis and her representation in cinema

Abstract

In 1977, a briefcase was found in Geneva containing the correspondence exchanged between the Russian psychoanalyst Sabina Spielrein and several interlocutors, including Sigmund Freud and Carl Gustav Jung. With this, a part of the history of psychoanalysis hitherto forgotten became known. From then on, the interest in Spielrein increased. Several studies on their participation in the psychoanalytic movement were published, especially her relationship with C.G. Jung. The scandalous aspect of this story has attracted the attention of the film industry. In 2011, David Cronenberg takes the direction of the film *A dangerous method*. In this work we will discuss the treatment given to her by both the historians of psychoanalysis and the Canadian filmmaker. The fact that she was introduced sometimes as mad, sometimes merely as Jung's mistress, puts her extensive theoretical output in the background. We question the motivations of this type of treatment given to the author.

Keywords: Sabina Spielrein, psychoanalysis, Sigmund Freud, Carl Jung

Em 2011, foi lançado o filme *Um método perigoso*, de David Cronenberg, que retrata a história da psicanalista Sabina Spielrein no período em que frequentou o Instituto Burghölzli e foi tratada por C. G. Jung. O filme também é sobre a relação entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung nos primórdios da psicanálise. É baseado no livro *Um método muito perigoso*, de John Kerr, que ganhou uma adaptação para o teatro por Christopher Hampton no espetáculo denominado *The talking cure* no ano de 2002.

Mesmo após a retomada do interesse pela vida e obra de Spielrein, a partir da descoberta de seus diários e cartas em 1977, com exceção de alguns poucos trabalhos, discutidos adiante, a ênfase é dada ao seu envolvimento com Jung, como se seu valor se devesse apenas a esses eventos escandalosos.

Interessa-nos, neste trabalho, discutir o modo como a história de Spielrein foi tratada não só por Cronenberg, mas também por aqueles que se dispuseram a narrar a história da psicanálise. Por que a insistência em a diagnosticar como psicótica? O que teria levado sua extensa produção acadêmica ao esquecimento por tantos anos?

Iniciaremos nossa reflexão com a apresentação resumida da vida e obra de Spielrein. Em seguida, discutiremos o modo como Cronenberg expõe a relação dela com a psicanálise e a visão questionável do filme sobre seu papel no movimento psicanalítico. Isso suscita uma crítica ao modo como algumas mulheres foram representadas pela história e pela indústria cinematográfica.

Breve comentário sobre a vida e a obra de Sabina Spielrein

Sabina Nikolaievna Spielrein nasceu em 1885, em Rostov, Rússia. Pertencia a uma família rica e culta. Seu pai era comerciante de grãos e proprietário de terras, sua mãe

abandonou a carreira como dentista para se dedicar ao cuidado dos filhos. Spielrein era a filha mais velha, tinha três irmãos e uma irmã, que faleceu aos 6 anos de idade.

Foi educada em casa, com uma tutora particular. Tinha aulas de música e aprendeu ainda nova a tocar piano. Também estudou diversos idiomas: latim, inglês, francês, alemão, polonês, tendo o russo como língua materna.

Em 1904, aos 18 anos, Spielrein termina o ginásio em Rostov, sua cidade natal. Sempre foi uma aluna brilhante e pretendia estudar Medicina. No entanto, na Rússia do czar Nicolau II, as mulheres não tinham esta possibilidade. Diante disso, Spielrein, em revolta por esse impedimento, passa a recusar-se a falar com membros da família, dizer coisas sem sentido, fazer caretas e emitir sons incompreensíveis, sofrer com pesadelos e pensamentos obsessivos relacionados a cenas de punição, o que foi interpretado como sintomas. Isto culminou em sua ida para a Suíça acompanhada de sua mãe e de um tio.

Foi admitida para tratamento no sanatório Interlaken, onde permanece por quatro semanas. Sua mãe tenta uma consulta com o doutor Monakov, neurologista famoso entre os russos, mas ele se recusa a atendê-la. Após mais essa frustração, Spielrein entra em um estado de agitação que a mãe e o tio não conseguem controlar. O doutor Rudolf Bion é chamado e, após um exame superficial, escreve num bloco de anotações do hotel onde estavam hospedados um atestado breve no qual relata a necessidade de internação em um manicômio. Ele afirma: “Não se deve excluir a possibilidade de paranoia. De qualquer forma, é um caso de psicose” (Richebächer, 2012, p. 62).

Spielrein é então enviada ao Instituto Burghölzli. Lá, o médico principiante Carl Gustav Jung assina seu prontuário, onde se lê que a jovem manifesta tiques, ri e chora ao mesmo tempo de forma compulsiva, coloca a língua para fora e contorce as pernas. Queixa-se de dor de cabeça e diz que não é louca, está apenas chateada, não conseguindo suportar barulhos e a presença de outras pessoas.

Eugen Bleuler, diretor do Instituto Burghölzli, era um entusiasta da psicanálise. Incentivava a leitura e o debate da teoria ao corpo de funcionários da instituição. Rapidamente o interesse pelos textos freudianos é difundido inclusive entre as esposas dos médicos. Segundo Richebächer (2012), assim que avançaram na compreensão e interpretação dos sonhos, logo foram repreendidas por seus maridos e impedidas de levarem adiante seus estudos sobre o tema, uma vez que os homens consideraram que a troca destas informações expunha demasiadamente a intimidade deles. É curioso notar que, mesmo neste ambiente de relativo compartilhamento de ideias, as mulheres ainda eram submetidas a proibições.

Esta postura estava em consonância com o tratamento dado às mulheres na época. Mesmo que em Zurique elas tivessem conquistado o direito de frequentarem a universidade, ainda havia muitas limitações aos espaços ocupados por elas. A Universidade de Zurique abriu suas portas para as mulheres em 1864, tornando-se uma das primeiras instituições de ensino a admiti-las em seu corpo discente. Com isto, acabou atraindo alunas de diversos países, sobretudo da Rússia, onde o acesso à universidade era vetado às mulheres. Essa situação foi mantida até 1917, após a Revolução Russa, período em que a igualdade de acesso à educação começou a ser instaurada. Como resultado dessa abertura, no início da década de 1920, 30% das universidades russas eram compostas por mulheres (Stamhuis, 2004). Muito embora o período fosse de abertura para as mulheres à intelectualidade, neste primeiro momento isto se deu apenas parcialmente. Em Burghölzli, por exemplo, não há registros de médicas atuantes no hospital nesta época. A própria censura ao estudo da psicanálise às esposas dos médicos mostra a resistência quanto à inserção das mulheres no meio intelectual.

Spielrein permanece internada por cerca de dez meses, entre setembro de 1904 e junho de 1905. Após esse período, ingressa na Universidade de Zurique, no curso de Medicina. Mesmo depois de sua saída, mantém uma relação próxima com Jung. Não sabemos exatamente a natureza desta relação; alguns autores defendem a hipótese de que isso se

aprofundou até um nível de um contato sexual (Lothane, 2003). Em 1911, recebe o título de doutora com a tese *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (Dementia praecox)* (Spielrein, 1911/2014), publicada no mesmo ano no Anuário de Psicanálise. Nesse trabalho, Spielrein discute detalhadamente o caso de uma mulher esquizofrênica, fazendo uso da psicanálise para extrair o significado oculto em suas falas aparentemente sem sentido. É a primeira tese psicanalítica em uma universidade e a segunda publicação de uma mulher no Anuário de Psicanálise (Richebächer, 2012).

A maneira com que Spielrein apresenta o objeto e o aproxima do leitor revela uma grande sensibilidade linguística e um enorme talento para compreender e decifrar os processos inconscientes. Tomando como referência trabalhos de Freud, Jung, Riklin, Otto Rank (também Rosenfeld) e Abraham, Sabina realiza um deciframento e uma interpretação do material até chegar a ricos testemunhos sobre a afinidade dos mecanismos mentais operantes no sonho, na psicose e no mito (Richebächer, 2012, p. 159).

Depois de formada, Spielrein decide sair da Suíça, mora por um breve período em Munique e em seguida se muda para Viena, onde entra em contato com Freud e se filia à Sociedade Psicanalítica de Viena. É a segunda mulher a fazer parte desse grupo, sendo precedida por Margarete Hilferding, que havia sido aceita no ano anterior.

A maioria dos psicanalistas do grupo formado em torno de Freud em Viena vem de famílias judias; mas são as mulheres – ao contrário de seus colegas homens – que representam o caráter internacional do movimento. São poucas as nascidas em Viena: elas vêm da Rússia e da Polônia, da Galícia, da Hungria e da Boêmia. As mulheres, muitas delas judias, têm que seguir seu caminho de formação solitárias. Em abril de 1910, a pediatra Margarethe Hilferding, torna-se a primeira mulher a ser admitida na Sociedade Psicanalítica de Viena (Richebächer, 2012, p. 178).

Fritz Wittels, um dos mais ferrenhos opositores à presença de mulheres na Sociedade, apresenta anos antes um texto sobre mulheres médicas em um encontro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Carregado de preconceitos, ele afirma que a “verdadeira vocação” das mulheres é “atrair os homens”, e que a mulher que estuda Medicina será considerada por seus colegas uma prostituta. Ele supõe que a motivação da mulher que estuda medicina seja

sobrepular outras mulheres e declara que “enquanto mulher, nunca poderá entender os mistérios psicológicos do homem”, motivo pelo qual não deveria se tornar psiquiatra, e “nunca deve ocupar um cargo superior ao de um homem, pois sempre abusará dessa posição” (Checchia, Torres & Hoffmann, 2015, p. 299).

Na discussão que se seguiu a essa apresentação, as opiniões se dividem. Há aqueles que concordam com Wittels (por exemplo, Max Graf e Rudolf Reitler) e os que apontam os equívocos do autor (Otto Rank, Eduard Hitschmann e Alfred Adler). Freud expressa reconhecimento pelo trabalho original, mas vê no texto várias meias verdades e censura Wittels por sua “extrema falta de delicadeza” (Checchia, Torres & Hoffmann, 2015, p. 303). Para ele, “Wittels representa um ponto de vista juvenil”, misógino e que despreza a mulher, por ter-se decepcionado com elas (Checchia, Torres & Hoffmann, 2015, p. 304). Contudo, afirma: “É correto que as mulheres não ganharão nada com os estudos e que seu destino também não mudará para melhor com ele[s]” (Checchia, Torres & Hoffmann, 2015, p. 304).

Essa visão da mulher como inferior, que não merecia receber instrução em uma universidade, era comum na Viena da época. As mulheres que desejavam estudar medicina precisavam procurar universidades fora da Áustria.

Gabriele Possaner-Ehrenthal, austríaca, nascida em Innsbruck, também formou-se em Medicina na Suíça, no final do século XIX. Diplomada, retorna a Viena e enfrenta, durante quase quatro anos, as autoridades locais para obter o reconhecimento de seu título profissional, o que só lhe é concedido após audiência especial com o imperador. Em 1897 [...] é que Gabriele Possaner-Ehrenthal, com 37 anos, torna-se a primeira ‘senhorita doutor’ da Faculdade de Medicina de Viena e a primeira mulher médica da Áustria (Hilferding, Pinheiro & Vianna, 1991, p. 33).

É nesse contexto que Paul Federn propõe a entrada de Hilferding na Sociedade Psicanalítica de Viena. A aceitação de novos membros depende da maioria dos votos dos membros da Sociedade. A votação é adiada por duas vezes até que, no dia 27 de abril de 1910, é finalmente realizada, registrando 2 votos contra e 12 a favor.

Quando Spielrein teve sua entrada considerada na Sociedade, em 1911¹, ela já não encontra tamanha resistência. No ano seguinte, publica sua obra mais conhecida, *A destruição como origem do devir*. Ela começa o texto com a pergunta: “por que essa tão poderosa pulsão, a pulsão de procriação, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados a priori, também outros negativos como angústia, aversão, os quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar ao ato positivo?” (Spielrein, 1912/2014, p. 229). Em seus esforços para responder essa questão, apresenta a noção de um componente destrutivo da pulsão sexual, o que adianta o conceito freudiano das pulsões de morte². O texto contém ainda outras ideias originais, o que não é possível analisar aqui em detalhes.

Freud reage ao trabalho de Spielrein com alguma reserva. Tanto ele quanto Jung pareciam ter dificuldade em reconhecer a originalidade das contribuições de Spielrein. Eles apontam a intrusão de um pensamento biológico em suas concepções, bem como a presença de fatores psicológicos e subjetivos da autora, que interferiam em seu texto, esvaziando a cientificidade de seu trabalho.

Após ela ter apresentado parte de seu texto em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud escreve a Jung, em 30 de novembro de 1911: “O que me incomoda é que *Fräulein* Spielrein quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas [...]” (McGuire, 1976, p. 535). Jung responde, em 11 de dezembro: “Sei, é claro, que Spielrein opera demasiado com a biologia. Mas não o aprendeu comigo, é próprio dela” (McGuire, 1976, p. 536).

Noutra carta, de 21 de março de 1912, Freud afirma: “Quanto ao artigo de Spielrein, conheço apenas o capítulo que ela leu na Sociedade. Ela é muito brilhante; tudo o que diz tem significado; o seu impulso destrutivo não é muito do meu gosto, porque creio que é pessoalmente condicionado. Ela parece anormalmente ambivalente” (McGuire, 1976, p. 562).

Jung completa a série de críticas a Spielrein, na carta de 1º de abril de 1912: “ela leu muito pouco e falhou inteiramente nesse ensaio, que não é suficientemente completo. [...] Além disso, o ensaio está sobrecarregado dos seus próprios complexos” (McGuire, 1976, p. 566-7).

Mesmo oito anos depois, ao publicar *Além do princípio de prazer* (1920), texto em que introduz o conceito de pulsão de morte, Freud ainda reconhece a contribuição de Spielrein de forma ambígua. Em uma nota de rodapé, afirma: “Em um trabalho rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma grande parcela desta especulação” (Freud, 1920/2006, p. 196).

Apesar da acolhida em Viena, em 1913, Spielrein viaja para sua cidade natal e se casa com o pediatra Pavel Scheftel. Mudam-se para Berlim. No período de dois anos em que permanecem na cidade, ela publica onze artigos e dá à luz a sua primeira filha, Irma Renata. Spielrein tem dificuldades em se estabelecer, já que o presidente da Sociedade Psicanalítica de Berlim, Karl Abraham, não mantinha boas relações com Jung e a identificava como discípula dele (Silva, 2016).

Além disso, eclode a Primeira Guerra Mundial, tornando muito delicada sua posição como cidadã russa em uma cidade alemã. Seu marido é convocado, forçando uma separação prematura. Spielrein fica sozinha em Zurique com a filha, perambulando à procura de um ambiente minimamente seguro para criar Irma Renata e viver como mulher russa e judia (Cromberg, 2014; Richebächer, 2012). Muda-se para Lausanne, e, cinco anos depois, parte para Genebra. Nesse intervalo, trabalha como cirurgiã, tenta escrever um romance, assiste aulas de composição, toca piano, escreve canções. Estes eventos levam Spielrein a afastar-se por um tempo do trabalho como psicanalista.

Após a mudança para Genebra, trabalha e leciona no Instituto de Psicologia de Claparède. Publica uma série de textos curtos, a maioria deles sobre análise de crianças,

dando aulas sobre psicanálise e pedagogia. É nessa época que conhece Jean Piaget, torna-se sua analista e colabora com suas pesquisas. A partir dessa colaboração, publica *A origem das palavras infantis 'mamãe' e 'papai'* (1922/2003).

Em 1923, decide retornar à Rússia. Sendo a psicanalista russa com melhor formação, foi recebida com honras pelas autoridades do partido comunista e foi convidada a trabalhar no Instituto Estatal de Psicanálise. Dirigiu a Policlínica Psicanalítica e um ambulatório infantil, e seu seminário de análise infantil era muito disputado. Reconcilia-se com o marido no ano seguinte, de volta a Rostov, em 1926, dá à luz a Eva, sua segunda filha. Após a ascensão de Stálin, nesse mesmo ano, a psicanálise gradualmente perde espaço, até que, na década de 1930, é proibida. Spielrein passa a trabalhar como médica e abandona, por fim, a psicanálise. Em 1936, seu marido morre de um ataque cardíaco. Nos anos seguintes, perde também o pai e seus três irmãos (Cromberg, 2014).

Há várias versões sobre a morte de Sabina Spielrein. A que nos parece mais plausível é a relatada por Richebächer (2012) e Cromberg (2014). Em 1942, Spielrein teria sido executada junto com suas filhas durante a invasão do exército alemão a Rostov. Nessa data, dezenas de judeus são fuzilados numa ravina nos arredores de sua cidade natal. “Em abril de 2003, um carvalho foi plantado na ravina onde Sabina foi morta, como ela havia pedido em um pequeno texto escrito ainda em 1904, durante seu tratamento no Burghölzli” (Silva, 2016, p. 155).

A representação de Spielrein no cinema: *Um método perigoso*

O filme *Um método perigoso* não é o primeiro a abordar a vida de Spielrein. Em 2002, o filme *Jornada da alma*, de Roberto Faenza era lançado na Itália — no Brasil, ele chegou

apenas em 2004 — e, em 2003, Elisabeth Márton dirige o documentário *My name was Sabina Spielrein* — que não chegou a ser lançado no Brasil.

O filme de Cronenberg conta com Keira Knightley como Sabina Spielrein, Michael Fassbender como Carl Jung, Viggo Mortensen no papel de Sigmund Freud e Vincent Cassel como Otto Gross. Os primeiros esboços do roteiro foram escritos por Christopher Hampton ainda na década de 1990, mas o projeto não foi levado adiante na época. Se o cartaz do filme, com Spielrein no centro, entre Jung e Freud, poderia sugerir que a trama se concentraria nela, logo fica claro que o argumento é outro: Spielrein é colocada entre os dois, sua importância depende do fato de ter estado no meio do conflito entre eles. Como se o curto período em que Sabina esteve internada tivesse servido apenas como prova da competência de Jung e eficácia da psicanálise.

A primeira cena traz Spielrein em uma carruagem, se debatendo e gritando, alternando entre choro e riso. Em agosto de 1904, Spielrein chega no Burghölzli como um caso típico de histeria e começa um novo tratamento com o jovem doutor suíço, Carl Jung. Ele usa associação de palavras e interpretação de sonhos como parte de sua abordagem da psicanálise e descobre que a doença de Spielrein foi desencadeada pela excitação sexual que ela sentia quando espancada nas nádegas pelo seu pai.

Nesse sentido, o filme se mantém próximo do material documental, como fica claro a partir da biografia de Spielrein:

Jung não cede, e finalmente revela-se que aos 11 anos Sabina apanhou do pai nas nádegas nuas, algumas vezes na presença dos irmãos. Para Sabina, o principal elemento do castigo era o fato de o pai ser homem. Além disso, Jung tortura Sabina com observações chocantes. “Foi necessária uma dura luta para tirar da paciente essa confissão. Nesse caso, os tiques se tornam absolutamente adequados à afecção, expressam defesa e aversão”. Como o pai fizera antes, agora é o médico, com sua pressão, quem não respeita os limites de Sabina Spielrein (Richebächer, 2012, p. 79).

Tanto no filme quanto nos registros históricos, a forma como Jung conduz esse tratamento cria as condições para o que viria a seguir:

Mesmo que não seja a intenção de Jung, seu procedimento é, por sua própria realização, apropriado para estabelecer uma relação sadomasoquista entre médico e paciente e para estimular fantasias sadomasoquistas. Sabina Spielrein deve considerar esse método aterrorizante; ela não consegue sequer pronunciar a palavra “bater” quando aplica ela mesma testes de associação de palavras (Richebächer, 2012, p. 86).

A astúcia de Spielrein ganha o reconhecimento de Jung e Bleuler. Como ela havia manifestado interesse em estudar medicina, ambos a convidam a auxiliá-los em seus experimentos. Ela participou da aplicação do método de associação de palavras de Jung e entrou em contato com a teoria freudiana. Com isto, conhece o modo como se estudava psicanálise em Burghölzli: compartilhando impressões sobre as vidas dos médicos e de seus familiares. Durante este período, Jung se torna um dos principais interlocutores de Freud, que passa a tratá-lo como uma espécie de herdeiro da psicanálise.

O filme retrata o desenvolvimento da relação entre Jung e Spielrein apostando no viés romântico. A forte atração entre os dois confunde-se com a relação médico-paciente. A internação do psicanalista Gross aos cuidados de Jung e os diálogos empreendidos entre os dois deixa claro que ambos questionam a posição ética de evitar manter um relacionamento de cunho sexual com as pacientes. Gross aparece como uma figura boêmia, um homem viciado em ópio vindo de uma família abastada, filho de um médico influente. Ele exorta Jung a não se render diante do pudor, da repressão, das convenções sociais e logo em seguida foge do hospital.

Finalmente somos levados à cena em que Spielrein aparece seminua sendo espancada por Jung a pedido dela. O aspecto explícito e grotesco da cena se refere não à prática fetichista, mas ao modo como esta parte da vida dela é apresentada ao público. Não existe nenhum documento que comprove a versão do filme. Como indica Heuer (2012): “O filme

transforma de modo não convincente ‘poesia suave’ em espancamentos sadomasoquistas, não documentados em lugar nenhum” (p. 669).

Diante da tentativa de Jung de terminar o relacionamento, vemos Spielrein descontrolada, cega de paixão, recorrendo a Freud e ameaçando prejudicar a carreira de Jung. Impressiona o modo como esta obra insiste em apresentar Spielrein como uma pessoa mentalmente instável, incapaz de compreender a natureza de sua relação com seu médico. A Spielrein de Cronenberg parece muito mais adoecida, enlouquecida, do que a versão que vemos nos documentos. Na carta do dia 10 de junho de 1909, Spielrein escreve a Freud:

Eu não sou de maneira alguma inimiga do Doutor Jung: Caso contrário o quadro que ele me deu de presente não estaria pendurado na parede de minha casa sobre o piano. Para mim, ele é como meu filho mais velho, no qual investi muita energia e que agora pode ser independente: Se falo sobre ele com o senhor é porque o senhor o ama. [...] Meu desejo mais ardente é me separar amorosamente dele. Sou suficientemente analítica, conheço-me o suficiente e sei que para mim o melhor seria um romance à distância (Richebächer, 2012, p. 150).

Mais próximo do final do filme, Jung e Freud viajam aos Estados Unidos e, devido às discordâncias teóricas, não conseguiam manter uma convivência amigável. Spielrein e Jung encontram-se ocasionalmente. Em seguida, ela se muda para Viena. O filme transmite a ideia de que sua mudança de cidade ocorre somente devido à recusa de Jung a separar-se da esposa para assumir o relacionamento dos dois. Em Viena, Spielrein se encontra com Freud, cada vez mais distante de Jung. A sequência final nos informa do desfecho tomado pela história de Freud, Spielrein, Jung e Gross. Freud morre de câncer em Londres em 1939 após ser expulso de Viena pelos nazistas, Gross morre de fome em Berlim 20 anos antes, em 1919. Spielrein se casa com um médico russo, retorna à Rússia e morre fuzilada pelos nazistas em 1942. Jung morre em paz em 1961 após superar um momento de intenso sofrimento psíquico e se torna “o maior psicólogo do mundo” (Hampton & Cronenberg, 2011). O filme, portanto, se posiciona de forma muito favorável a Jung.

As escolhas dos envolvidos na criação do filme sobre o tipo de material ficcional a ser produzido determinam a percepção que o espectador tem sobre os personagens. A Sabina Spielrein do filme não se parece de forma alguma com a Sabina Spielrein que aparece nos documentos a que temos acesso. O que poderia explicar este modo de retratar uma personagem cuja vida foi tão rica, cuja contribuição à psicanálise foi tão vasta?

Considerações finais

Como argumenta Perrot (2006), “da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Ela vê esse fato como resultado de que “o ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem a história no masculino” (p. 185). Para Matos (2000), “não é tanto a falta de documentação sobre as mulheres, mas a noção de que tais informações não teriam a ver com os ‘interesses da história’, que gerou a ‘invisibilidade’ das mulheres nos relatos do passado” (p. 21). No caso de Spielrein, notamos como essa exclusão se operou em vários níveis e gerou um “soterramento histórico de sua obra” (Cromberg, 2008, p. 307). Isso nos conduz a interrogar, como faz a autora, “quais forças trabalharam resultando no efeito de eliminação da recordação e do registro histórico de Sabina Spielrein” (Cromberg, 2008, p. 307).

Como podemos notar, esse movimento de desqualificação de Spielrein começa ainda antes de sua internação em Burghölzli, quando Rudolf Bion redige um relatório sem ter tido suficiente contato com ela, apontando-a como psicótica. Jung também produz um diagnóstico similar, de histeria psicótica (Carotenuto, 1984; Cromberg, 2014).

Na correspondência entre Freud e Jung, Spielrein aparece muito cedo, e num tom similar, claramente depreciativo. Ainda em 1906, Jung pede a Freud que o auxilie com um “caso difícil: uma estudante russa de 20 anos, doente há 6” (McGuire, 1976, p. 47). Também é ao discutirem sobre Spielrein que Freud se refere pela primeira vez ao conceito de

contratransferência. Jung havia relatado que, ao tratar dessa paciente, se sentiu “na obrigação moral de consagrar-lhe grande parcela de amizade” e que quando notou que as coisas tinham “tomado um rumo indesejado”, rompeu com ela (McGuire, 1976, p. 279). Ele afirma ainda: “É claro que sistematicamente planejava me seduzir, o que julguei inoportuno. Agora está querendo se vingar” (McGuire, 1976, p. 279). Ele supõe que ela esteja espalhando boatos de que se divorciaria da esposa para se casar com uma estudante, e garante a Freud que rompeu com ela em definitivo.

A essa carta, Freud responde, em 7 de junho de 1909. Ele relata ter recebido de Spielrein uma carta e que respondeu tomando partido de Jung. Em seguida, declara: “Embora penosas, tais experiências são necessárias e difíceis de evitar. [...] Mas o dano que causam não perdura. Elas nos ajudam a desenvolver a carapaça de que precisamos e a dominar a ‘contratransferência’ que é afinal para nós um permanente problema [...]” (McGuire, 1976, p. 281-2).

O posicionamento de Freud em defesa de Jung sem ao menos ter conhecido Spielrein pode ser compreendido como uma estratégia política de resguardar aquele que ele adotou como herdeiro de seu legado. Manter a reputação de Jung imaculada seria também proteger a psicanálise. Para isto, como diz Cromberg (2012), era preciso que sacrificassem Sabina Spielrein: tratam-na como uma jovem ingênua, mimada e doente. O filme de Cronenberg nos mostra que, mesmo munidos de diversos documentos, cartas e biografias, ainda hoje existe uma dificuldade em desassociar Spielrein da imagem que lhe foi pintada na história, sobretudo por Jung.

O primeiro autor a ter acesso aos diários e cartas de Spielrein, Aldo Carotenuto, repete incansavelmente esse tipo de afirmação³. Para ele, é provável que ela tenha vivenciado “um episódio esquizofrênico puro e simples” (Carotenuto, 1984, p. 31). Ele prossegue, afirmando:

À distância de tempo, é difícil formular um parecer sobre o estado mental de Sabina Spielrein. A hipótese mais provável é a de que ela tenha tido, por um curto período, um ataque psicótico rapidamente controlado através da intervenção de Jung. [...] A paixão por Jung, inclusive, permite pensar no surgimento de um único surto psicótico, rapidamente concluído (Carotenuto, 1984, p. 33).

Não bastasse a imposição do diagnóstico de psicose, ignorando a ressalva de que não é possível realizar com exatidão uma avaliação desse tipo nessas condições, Carotenuto passa a desqualificar a produção teórica de Spielrein, por considerar que “uma teoria psicológica exprime, sobretudo, a problemática do autor [...]” (Carotenuto, 1984, p. 31). Na visão dele, “Spielrein enfrenta em nível metapsicológico o problema da sua esquizofrenia [...]” (Carotenuto, 1984, p.33).

Felizmente, temos autoras e autores que combatem as visões sexistas e patologizantes das mulheres e, no caso de Spielrein, podemos contar com autoras como Renata Udler Cromberg, que se posiciona de forma enfática contra essas injustiças:

Há três interpretações errôneas da vida e obra de Sabina Spielrein: o seu diagnóstico como psicótica, o seu diagnóstico de masoquista incurável que cavou a própria tumba de seu esquecimento e a ênfase no período em que foi amante de Jung como se fosse a única notoriedade que teve. Uma mulher que no início do século XX concordou em ser o caso padrão de psicanálise na Clínica Burghölzli, frequentou a Universidade de Medicina, defendeu uma tese pioneira, interpretou de maneira inédita os fenômenos do amor, destruição e sublimação e origem da linguagem de forma a influenciar o pensamento teórico de Freud, Jung, Luria, Vygotsky e Piaget, uma mulher que foi uma das pioneiras em análise de crianças, foi a pioneira em unir a psicanálise à linguística e educação, escreveu cerca de 30 artigos, casou, teve duas filhas, foi professora da universidade de Moscou, conferencista, cirurgiã, médica e, ainda, compositora e música, não pode ser considerada nem louca e nem masoquista. Pois ela viveu intensamente tudo o que tinha que viver e dedicou-se à psicanálise e a todos aqueles a quem amou (Cromberg, 2014, p. 58).

Ao longo de sua vida, Sabina Spielrein teve que resistir às diversas tentativas de desqualificação daqueles que deveriam ser seus pares: seja por meio de diagnósticos de psicose, seja pelas tentativas de Jung de difamá-la, seja pelas afirmações de Freud de que ela era excessivamente ambivalente e que seu texto não era claro. O filme, embora a apresente ao

final muito mais saudável que Jung, acaba fazendo algo parecido ao retratá-la como uma masoquista, que exige ser espancada. Nossa hipótese é que até mesmo uma teoria que ampliou a compreensão da complexidade da sexualidade humana, questionou a rigidez dos papéis que homens e mulheres deveriam desempenhar, que provocou espanto na Europa vitoriana com a ideia revolucionária de que crianças têm sexualidade, reproduziu no cerne do movimento psicanalítico tamanha violência contra uma mulher sem qualquer motivo além do fato de ela ser mulher.

Referências

- Carotenuto, A. (1984). *Diário de uma secreta simetria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Carotenuto, A. (Escritor), & Faenza, R. (Diretor). (2002). *Jornada da alma* [Filme Cinematográfico].
- Checchia, M., Torres, R., & Hoffmann, W. (2015). Reunião de 15 de maio de 1907. Em M. Checchia, R. Torres, & W. Hoffmann, *Os primeiros psicanalistas* (pp. 298-306). São Paulo: Hedra.
- Cromberg, R. U. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome - Sabina Spielrein, pioneira da psicanálise*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cromberg, R. U. (2014). *Sabina Spielrein - uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz.
- Freud, S. (1920/2006). Além do princípio de prazer. Em S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Hampton, C. (Escritor), & Cronenberg, D. (Diretor). (2011). *Um método perigoso* [Filme Cinematográfico].
- Heuer, G. (2012). Soul murder and the birth of intersubjectivity in David Cronenberg's *A Dangerous Method*. *Journal of Analytical Psychology*, 57(5), 667-678.

Hilferding, M., Pinheiro, T., & Vianna, H. B. (1991). *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta.

Lothane, Z. (2003). Tender love and transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein. Em C. Covington, & B. Wharton, *Sabina Spielrein - forgotten pioneer of psychoanalysis* (pp. 191-225). New York: Routledge.

Márton, E., Knobel, Y. (Escritores), & Márton, E. (Diretor). (2003). *My name was Sabina Spielrein* [Filme Cinematográfico].

Matos, M. I. (2000). *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC.

McGuire, W. (1976). *Freud/Jung - Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

Nunberg, H., & Federn, E. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 3). New York: International Universities Press.

Perrot, M. (2006). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra.

Richebächer, S. (2012). *Sabina Spielrein - de Jung a Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Silva, M. V. (2015). *A construção da pulsão de morte freudiana*. Montes Claros: Unimontes.

Silva, M. V. (2016). Destruição e devir de Sabina Spielrein. *Anais do V Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura* (pp. 152-160). Rio de Janeiro: Synergia.

Spielrein, S. (1912/2014). A destruição como origem do devir. Em R. U. Cromberg, *Sabina Spielrein - uma pioneira da psicanálise* (R. D. Mundt, Trad., pp. 227-277). São Paulo: Livros da Matriz.

Spielrein, S. (2014). Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (Dementia praecox). Em R. U. Cromberg, *Sabina Spielrein - uma pioneira da psicanálise* (R. D. Mundt, Trad., pp. 127-216). São Paulo: Livros da Matriz.

Spielrein, S. (1922/2003). The origin of the child's words Papa and Mama. Em C. Covington; B. Wharton, *Sabina Spielrein - forgotten pioneer of psychoanalysis* (pp. 289-305). New York: Routledge.

Stamhuis, I. (2004). Historical considerations on women scholars and institutions. Em S. Strbanova, I. Stamhuis, & K. Mojsejova, *Women scholars and institutions* (pp. 17-45). Prague: Research Centre for the History of Sciences and Humanities.

Notas de fim:

¹ Nessa época, Spielrein era a psicanalista que havia se submetido a uma análise por mais tempo, três anos ao todo.

² Uma discussão mais completa da influência de Spielrein na obra freudiana pode ser encontrada em Silva (2015).

³ Não causa surpresa, dado esse cenário, que Nunberg e Federn tenham incluído, na ata da reunião em que Spielrein apresenta seu trabalho, o seguinte comentário, que não tinha qualquer relação com o conteúdo do texto: “Dr. Spielrein was my colleague at the medical school. She was strongly influenced by Jung; during her studies she suffered a psychotic episode” (Nunberg & Federn, 1974, p. 329n2).

Sobre os autores:

¹ Marcus Vinicius Neto Silva | marcusviniciusnsilva@gmail.com | Psicólogo, especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG), mestre em Estudos Psicanalíticos (UFMG), doutor pela mesma universidade.

² Marina Maciel de Almeida | mmaciela33@gmail.com | Psicóloga, mestre em Estudos Psicanalíticos (UFMG).

Recebido em: 02/01/2020

Aceito em: 07/03/2020